

ENTREVISTA/Arthur Virgílio

# Prefeito de Manaus quer PSDB unido a Collor na luta pelo parlamentarismo

ROBERTO STEFANELLI

BRASÍLIA — O PSDB de braços dados com o Presidente Collor em campanha nacional pelo parlamentarismo. Este é o sonho do Prefeito de Manaus, Arthur Virgílio, tucano que vem servindo de ponte entre o Palácio do Planalto e os partidos de Oposição.

Arthur Virgílio foi companheiro de adolescência de Collor. Elegeu-se

Prefeito pelo PSB, rompeu com o partido para apoiar a candidatura do Senador Mário Covas e, hoje, quer os tucanos dividindo responsabilidades com o Governo. Ele explica sua postura, criticada por alguns setores do PSDB:

— Caiu o meu muro de Berlim. O Prefeito de Manaus acredita na injeção de cores social-democratas na Administração Collor, mas não tem a pretensão de acreditar na ex-

clusão de forças mais conservadoras do poder:

— Não sou de ter urticária na pele por conversar com pessoas como o Governador eleito da Bahia, Antônio Carlos Magalhães.

Virgílio, no entanto, está preocupado com a governabilidade do País.

— Democracia não combina com hiperinflação, com fracassos de governos eleitos. O Presidente quer vir para a social-democracia e eu quero puxá-lo.

O GLOBO — Depois de ter sido adversário político do Presidente Collor, na sucessão presidencial, o senhor surge como um apaixonado pelas perspectivas deste Governo. O que houve?

VIRGÍLIO — É um governo no rumo da social-democracia. Tem um Presidente que fala abertamente a favor do parlamentarismo, um Governo disposto a negociar a disciplina das medidas provisórias. Com a base de apoio que o Governo tem, de duas uma: ou ele junta a esta base outra que lhe dê sustentação ideológica, no rumo da social-democracia, ou terminará se entregando a essa base conservadora de sustentação. Há uma disputa clara de espaço.

O GLOBO — Esse filme passou no início do Governo Sarney...

VIRGÍLIO — Acho que se entregou o Governo José Sarney de bandeja para a direita. Foi um Governo que começou muito bem, cercado de espírito público, havia espaço para se ter representantes das esquerdas em posição de honra na sua administração...

O GLOBO — E o senhor acha que a esquerda não está dando mostras de ter aprendido a lição?

VIRGÍLIO — É engraçado. A gente vê nas esquerdas pessoas que confundem a verdadeira habilidade política com adesão, compreensão com falta de fibra. E isso traz inevitáveis desajustes. Leva esses setores supostamente de esquerda a inevitáveis equívocos, imperdoáveis erros históricos. Quer exemplo de uma pessoa conseqüente? Roberto Freire (Deputado do PCB), profundamente transigente e aos mesmo tempo profundamente intransigente em sua convicção pela sociedade que idealiza. A gente precisa pegar esta esquerda lúcida. Tenho plena convicção de que, se o PSDB se juntasse ao Governo Collor, desse uma cor ao Governo Collor, poderia contar com o Roberto Freire. Não para aderir, mas apresentando sua capacidade de dialogar.

O GLOBO — E a outra fatia do Congresso, aquela que está com o Governo?

VIRGÍLIO — Há uma disputa potencial pelo poder flagrante. No Governo Collor, temos a chance de montar uma base que brigue por uma mudança social. E aí, quem sabe, a gente teria o contingenciamento dos setores mais reacionários com os quais o Presidente teria que contar até o fim do seu Governo.

O GLOBO — O senhor está propondo uma aliança singular...

VIRGÍLIO — Um partido social-democrata, como diz o professor Hélio Jaguaribe, coligado com outro, como parte secundária da coligação, emprestando pontos do seu programa, ou chefiando uma coligação, este partido, para seguir o seu destino, o seu programa, teria, em determinado momento, de fazer determinados acordos com setores clientelistas da sociedade. É muito diferente de se engajar.

O GLOBO — Há quem diga que este Governo tem duas faces. Que é uma ilha de economistas de esquerda universitária cercada de clientelistas



Foto de Ricardo Stuckert

**“A gente vê nas esquerdas pessoas que confundem habilidade política com adesão, compreensão com falta de fibra. E isso leva a erros históricos”**

por todos os lados. Seu colega de partido e Governador eleito do Ceará, Ciro Gomes, anda batendo nesta tecla...

VIRGÍLIO — Eu acompanhei, eu acompanhei. O quadro que você me coloca tem que ser analisado a partir da abertura que o Presidente faz, que, com a entrada do PSDB no Governo, parta-se para uma política social. Aí, sim, representando mudança nessa situação. O fato de meu partido identificar falhas na política social, não quer dizer que não reconhecemos um avanço com o fato de os intelectuais da área econômica estarem afinados com a centro-esquerda. Eu prefiro Zélia lá do que Simonsen lá, com dois passos atrás.

O GLOBO — O Presidente, com quem o senhor esteve recentemente, está sentindo esta ameaça que parece pairar no ar. Se este plano não der certo, não há como segurar a equipe econômica?

VIRGÍLIO — Eu sempre que defendo a equipe econômica gosto de recordar Delfim Neto, Simonsen, Roberto Campos, Langoni, aquela troupe que governou o País no período falsamente revolucionário. Gostaria de não aventar com a hipótese de um fracasso absoluto deste plano. Eu sei que não se desindexa a economia mandando uma mensagem para o Congresso, mas já temos algum progresso. Você tinha uma economia doente, remunerando no over o dinheiro do especulador, desestimulando a produção. Era um País tão louco que a moeda desaparecia do seu bolso à noite e crescia no bolso do especulador, desestimulando a produção. Era um País tão louco que a moeda desaparecia do seu bolso à noite e crescia no bolso do especulador. Eu não gostaria de ver o plano dar com os burros n'água, mas tem gente virando mundos e fundos para que ele dê errado: empresários, banqueiros assustados com o fato de ter de viver num outro patamar, numa situação mais razoável.

O GLOBO — O Ministro político

do Governo, o Ministro Passarinho, pertence ao PDS. Essa dualidade — equipe econômica de um lado e negociador político do outro — não confunde sua cabeça?

VIRGÍLIO — Eu vejo um Presidente reformista sustentado por uma base parlamentar que não tem sido capaz de acompanhar as mudanças que o Presidente propõe. Eu sei que a hora da verdade, de o toureiro se defrontar com o touro, não está muito longe. Eu não proponho a saída de ninguém. E digo que há uma pessoa fundamental para este Governo que é o Ministro Passarinho. Ele assinou o AI-5 que cassou o mandato do meu pai, e nem por isso ele deixou de merecer o meu respeito e nem deixou de merecer o respeito do meu pai. O Ministro é um homem íntegro, honesto, com uma posição frente à política social talvez conservadora, mas um homem de bem. Se voce tiver uma adversidade com ele será uma adversidade leal. Eu prefiro mil vezes lidar com o Ministro Passarinho do que com radical de butique, com as propostas mais absurdas e que você não sabe onde se esconde na hora do pega para cortar a orelha, no momento mais duro. Prefiro lidar com quem me inspira confiança.

O GLOBO — O senhor já perfilou no quadro da esquerda que hoje está condenando, não é verdade?

VIRGÍLIO — Na prefeitura de Manaus eu tive um primeiro ano de administração extremamente medíocre. Governei para corporações. Governei para alguns sindicatos e para funcionários públicos. Governei acreditando que não poderia tirar camelô da rua porque criaria problema social. Governei acreditando que era o maior democrata da face da Terra e estava governando de costas para a sociedade e de frente para alguns setores bem organizados, corporações. Governei fechado.

O GLOBO — Certamente começaram a dizer que o Prefeito não era mais de esquerda...

VIRGÍLIO — Não abro mão de me considerar de esquerda, se esquerda for desenvolvimento social, transformação. Não admito que alguém tenha o monopólio do conceito dessa expressão, ou tenha a forma chapada. Se ter a cidade suja, com camelôs, com tubarões sonogando impostos, ter a máquina inchada e governar para corporações é de esquerda, então eu rompo com esta idéia.

O GLOBO — A experiência amadureceu o conceito?

VIRGÍLIO — Minha posição política atual é fruto da experiência. O fracasso dos meus preconceitos, o fracasso dos meus dogmas, a queda do meu muro de Berlim.

O GLOBO — O Presidente Collor veio de uma ponta. O senhor da outra. Acabaram se encontrando mais ou menos no meio do liberalismo e da social-democracia?

VIRGÍLIO — Eu espero que seja isto. Mas a coisa não é tão simples. Eu mudei até onde minha consciência dizia que eu podia ir. Ele demonstra querer vir, tanto que acena com um golpe no latifúndio, contra interesses dos partidos de direita e até de alguns de esquerda, na questão do ITR, na qual o meu partido se portou muito bem junto com o PCB e o PDT. Ele demonstra querer vir e eu quero puxá-lo. Eu quero tratar este assunto com seriedade, vamos mostrar que a esquerda não é sinônimo de incompetência, de preguiça.

O GLOBO — Fala-se muito em parlamentarismo, mas com duas candidaturas presidenciais colocadas na rua — Quéricia e Brizola — reforça-se o presidencialismo. A saída é parlamentarismo com Collor?

VIRGÍLIO — Isto me parece evidente. Parlamentarismo não é um passe de mágica. É uma luta brava, com muitos interesses a serem contrariados. É uma eleição em que teremos de jogar tanta garra, tanto marketing e tanta luta ideológica quanto na eleição presidencial. Isso pressupõe alianças.

O GLOBO — Aí entra o Presidente?

VIRGÍLIO — Se voce tem um Presidente que diz, muito bem, eu aceno com a possibilidade de me engajar nesta campanha contrariando interesses até legítimos de quem quer manter o presidencialismo.

O GLOBO — Como o senhor convive com as acusações de ter caído para a direita?

VIRGÍLIO — Não me condenem a priori, porque estarão me absolvendo a priori. Isto é vaidoso demais. Vá até o fim das suas dúvidas, mas não seja indeciso. Duvida decidindo. Dizem que eu tomei a decisão de andar no fio da navalha. Agora não andar significa o que? Esconder-se atrás dos biombos, esperar que o fio da navalha venha contra o seu próprio pescoço. Pessoas incoseqüentes o tempo as mata, podem vir fantasiadas do melhor marketing. O tempo vai dizer quem ousou, quem não ousou. Posições incoseqüentes podem estar escondidas atrás da maior habilidade, mas esta habilidade o tempo vai desmascarar. Se eu estiver errado, não terei como me esconder. Mas, como já me disseram, o cavalo está passando gelado na frente do PSDB e o partido começa a se movimentar.